

Aurora do Cáyado

Premiada com o Grande Diploma de Honra na Exposição da Imprensa de 1898

Quinzenario literario, bibliographo e politico sem politica

Director: RODRIGO VELLOSO

Redacção e Administração
Rua Gomes Freire n.º 101 - 1.º
Lisboa

Composição e Impressão
TYP. MINERVA, de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão
Famalicão

3.ª série — N.º 4

Lisboa, 8 de março de 1910

35.º anno

Galeria de Benemeritos

III

José de Beça e Menezes

Levanta-se tudo atonito a bordo dos diferentes navios. Olham. E' no «Aquidaban»! Um vulcão irrompe do mar e ergue-se ás nuvens, revoleteando no seu seio destroços e cadaveres!

«Escaleres ao mar!» «Depressa!» Ouve-se em todos os navios.

Os escaleres são em grande parte tripulados por officiaes e voam para o «Aquidaban», desde o momento das explosão partido a meio. A parte de ré afunda-se logo; a prôa fluctua durante 6 a 7 minutos, ardendo sempre, até de todo se submergir, levando para o abismo todos os que se achavam a bordo

Gritos de soccorro, lamentos, ais, gemidos ouvem-se no mar, em todas as direcções, e os escaleres correm celeres em procura dos desditosos agonisantes!...

Os mestres da palavra talvez podessem descrever as cenas de horrorosa desolação que ali houve, eu — pobre de mim! — nem palida idéa vos posso dar do grande desastre.

Só a palheta peregrina de Miguel An-

gelo seria capaz de reproduzir aquêlê quadro.

E' só quem viu os frescos do cemite-rio do Campo Santo de Piza, que inspi-raram o autor da Divina Comedia; só quem atentamente estudou o incompa-ravel e sublime trabalho do Juizo Final da Capella Sixtina; só quem extatico contemplar os efeitos da luz que des-lumbra e cega, da maravilha, da admi-ração, que produzem o espasmo da creança, na tela immortal de Raphael, a Ascenção de Cristo, poderá imaginar o assombro, a dôr, o pasmo que sentiu quem presenciou a Catastrophe do «Aquidaban»! Vêr explodir o paiol num recinto limitado, onde os seres huma-nos se acotovelavam, cercados pelo mar, as chamas fendendo por toda a parte, as granadas rebentando e os homens já mutilados, feridos, queimados, no meio da titanica luta, correndo como loucos, até que a voragem do oceano tudo tra-gassel...

Horror:

Não, Dante, o grande genio — tama-nho que mais admirado se torna de se-culo a seculo — não esgotou todas as torturas, as cruciantes dôres a que estão sujeitas as humanas creaturas, quando descreveu o inferno; maiores tormentos foram presenciados no desastre do «Aquidaban».

E' dêsse forte e poderoso couraçado, que tantas vezes desafiou as furias do mar e dos homens; que tantas vezes afrontou as tempestades de balas e me-tralha, que tantas vezes investiu contra as mais poderosas fortalezas; que tantas

vezes desapareceu sob uma aboboda de fogo, ferro e fumo, para reaparecer incolume, garboso, impavido, brincando com o perigo, restão agora unicamente alguns destroços calcinados no fundo do mar!

Como tudo é contingente e efemero neste mundo!

Nada se esqueceu para tornar aquêl navio invulneravel, externa e interiormente. A ciencia dotou-o com todos os aperfeiçoamentos modernos.

Nem as balas o podiam ferir, nem as ondas e os escolhos o deviam submergir, nem uma faisca podia entrar no seu paiol.

E, com efeito, nem as balas o percutiram, nem os temporaes o afundaram, nem a faisca penetrou no deposito da polvora.

Como explodiu, então?

Misterio!

Fatalidade!

E ali, na horrivel e nefasta noite de 21 de janeiro, ficaram sepultados esses bravos mariuheiros, tão illustres como infelizes, morrendo sem combate nem gloria!...

Eles que venceram todas as dificuldades, todos os perigos, nada puderam então contra a agua e o fogo alteado no proprio navio; êles, heroes ou descendentes dos heroes que com os olhos fitos no glorioso pavilhão da patria, desfraldado, bem alto, ao vento, passaram em sinal de desprezo, silenciosos sem responder ao fogo das baterias de Cepeda; forçaram as passagens da Curuzú, de Campaity, de Haimaitá, de Angustura e ganharam a triumphal batalha de Piachuello, em que aprisionaram chatas, calaram o fogo das baterias paraguayas da margem esquerda do rio Paraná, e servindo-se da fragata de madeira «Amazonas» como ariete, destruíram a esquadra inimiga, arrancando ao almirante francez a enthusiastica afirmativa: «A melhor couraça dum navio será sempre o grande coração do homem que o comanda!» morreram sem matar, indefezos!

E assim findaram; ali, no ignorado porto aquêles tenazes luctadores, aquela briosa mocidade de quem a nação tanto fiava; e tinha razão: conheço a marinha brasileira.

Se os evocassemos do gelido tumulo dir-nos hiam: «Morrer é cousa breve; o

que custa é no ultimo lampejo da vida sentir que se não póde vêr mais o sol, respirar o ar natal, defender a patria, amparar a esposa, proteger os filhos!»

Triste, muito triste!

Nunca mais o troar do canhão, o rufar dos tambores, o som dos clarins aquecerá os seus peitos!...

Nem uma caricia das esposas, nem um sorriso dos filhos, nem uma promessa das angelicaes e castas noivas!

Tudo acabou!

E as ridentes campinas, as casas que as esmaltam, inda ha pouco tão alegres e cheias de vida estão agora silenciosas.

As pessoas que as percorrem erguem de quando em vez os olhos ao céu e arrastam crêpes.

E as embalsamadas florestas virgens ouvem o canto das aves entrecortado por ais e suspiros.

E os rios correrão as lagrimas, que vertem os amigos, os irmãos, os paes, os filhos, as noivas, um povo inteiro, e duas nações, que os pranteamos nós porque eram bravos, porque eram nossos irmãos, porque eram nossos filhos!

Se êles soubessem como são chorados suavisar-lhes-ia o nosso pranto os ossos calcinados! e que consolação seria a sua, se ouvissem a voz da patria, que lhes diz: Filhos, os vossos exemplos valem legiões. O Brasil caminhará avante ao seu glorioso destino. Sobre vossas familias vela a patria agradecida. Cumpristes a vossa missão.

Descança em paz.»¹

Em toda a minha simplicidade, mas com todo o maior desassombro, nesta pagina deixo registado que do tanto, do muitissimo que entre nós se disse e escreveu, e por vezes bem, muito bem, solenizando e comemorando e lastimando a lugubie e trenebunda desgraça do *Aquidaban*, prosa e verso, cousa alguma, em meu sentir, póde ombrear com esse discurso, na firmeza dos traços e na verdade e propriedade das tintas com que executado o maravilhoso quadro, e quer nas radiações de opulenta e vivida luz que em parte o ilumina e aquece, quer nas caliginosas nuvens que em parte o ensombram e obumbram, tudo casado numa perfeita e admiravel armo-

¹ Transcrito este discurso das colunas da *Folha da Manhã*, onde saiu publicado.

nia, e tornado mais sugestivo com as imagens e comparações tão de molde trasidas a realçar-lhe os claros e os escuros, e melhor os destacando e salientando.

Perfeita e completa na intenção e em seu acabamento saíu e ficou assim a preciosa tela.

Mas se pelo lado da intelligencia e da cordealidade assim tanto se differença s. ex.^a, em menor grau não succede isso com respeito ás suas faculdades affectuosas, que a bolsa e as mãos lhe estão sempre abertas e dadivosas para acudir a todas as desgraças e miserias que se acolhem á inexgotavel abundancia de seu coração, e são sem conta possivel as lagrimas que tem enxugado e as dôres a que tem provido de remedio ou minorado, havendo-lhe merecido tambem, sempre, protecção desvelada e assidua á causa da instrucção e educação que acrisoladamente patrocina, do que pôdem dar bons e seguro testemunho, entre outros, os Asylos que ha em Barcellos e seu Circulo Operario Catholico, todos elles largamente contemplados por s. ex.^a, e os muitos lares famintos, regelados e angustiados, a que elle tem levado pão, fogo e conforto.

Como agricultor é o illustre barcelense um dos principaes, e talvez o primeiro da provincia do Minho, o que bem comprovam as suas duas magnificas quintas do Couto e Granja, ambas no concelho de Barcellos, aquella na freguezia do seu nome e esta nos arrabaldes da vila, que ambas elas agricultadas consoante os mais modernos e adeantados processos de cultura e tornadas em tal modo quintas e granjas modelos, o que motivo dá para serem, especialmente a ultima, visita obrigada para todos os que vão a Barcelos, e que dela saem maravilhados e encantados. conjuntas como ahi encontram, armoniosamente enlaçadas e casadas, na margem direita do sussurrante e ameno Cávado, as galas e luxuriantes louçanias da prodiga natureza com os melhores e mais adiantados cometimentos e conquistas da ciencia e da arte.

Rodrigo Velloso.

(Continúa).

BIBLIOGRAFIA

DELFIN GUIMARÃES

Ares do Minho (1)

Será já um pouco tarde para vir falar dos *Ares do Minho*, do snr. Delfim Guimarães, visto que publicados em 1908, constituindo o numero e tomo 16 da mui estimavel *Coleção Horas de Leitura*, uma das que, em boa hora, cometeu a bem conhecida e largamente acreditada Livraria Guimarães & C.^a, da rua de S. Roque n.^{os} 68 e 70, desta cidade, por sem duvida uma das casas editoras do nosso paiz que melhor tem merecido e está merecendo do publico ledor e ilustrado.

A' primeira vista assim pôde parecer, visto que já decorridos quasi dous anos sobre a sua vinda á luz, tempo mais que sufficiente — ai de mim! — para passar a esponja do apagamento e do completo olvido sobre grande numero, o maior, das publicações feitas no nosso paiz, tão debeis, fraquinhas, inanes se não raquíticas elas vêm á nascença; mas tal não succede com os *Ares do Minho*, apesar de simples feixe de contos, pois lhes soube o snr. Delfim Guimarães insuflar alentos para dilatada existencia, e por certo, esta se lhes prolongará, como bem o merecem, e não obstante ser já numerosa e variadissima, pois abordando grande copia de generos diversos, e muitissimo aplaudivel, sua obra literaria, e de uma grandissima valia especialmente em seus ultimos trabalhos de exegese, critica e reconstrução literaria, não ficarão os *Ares do Minho*, no meio dela, em plena sombra, e nem sequer na penumbra, mas radiantes de luz, tão simples, tão verdadeiras, tão cativantes, tão fielmente interpretadas e vividas do natural, são todas as narrativas que os entretecem.

Por mais do que uma vez tenho escrito sobre produções do sr. Delfim Guimarães, e apreciando-as sempre no que se me antolharam valer, sem favor nem

(1) Por motivos independentes de minha vontade, só hoje lanço ao papel, o meu sentir sobre os *Ares do Minho*. Releve-m'o autor a quem muito considero.

benevolencia, mas franca e sinceramente, excepcionados dêsta afirmação os seus ultimos trabalhos a que atraz aludi, e a que não pretendo nem quero referir-me aqui, nenhum dêesses seus escritos quer em verso quer em prosa, me calaram tanto no animo e o satisfizeram como os *Ares do Minho* e precedentemente a êles, em orientação egual á sua *O rosquedo*, saído sob o n.º 13 na mesma *Coleção Horas de Leitura*.

É bem natural é que assim haja acontecido, pois sendo eu filho do Minho, do meu tão querido e inesquecível Minho, e passando as cenas avocadas quer ao *Rosquedo* quer aos *Ares do Minho*, nas margens do meu saudosissimo Lima, e na adoravel e formosissima vila de Ponte do Lima, donde tambem oriunda a familia do snr. Delfim Guimarães, e onde êle residiu por alguns anos, tão ao vivo e tão perfeita e acabadamente para um e outro dêesses tomos se acham trasladados os usos e costumes, em sua infinita e careteristica variedade, do Minho, e o seu falar peculiar, provincialismos usados e muitos dêeles eminentemente apropriados e significativos da cousa ou facto a que applicados, que em quanto, enleiadamente, li os dois volumes me pareceu viver a vida da minha provincia, e largamente dêsta, durante êsse tempo, matei saudades.

Acresce, em valia dos dois tomos, que a ação nêles é excelentemente conduzida e sempre interessante, sem que para tal a tornar o autor houvesse de recorrer a complicados e muitas vezes inverosimeis enredos, mas tão só a chamar á tela, por modo perfectissimo, a realidade, e ainda que ambos os volumes e especialmente *O rosquedo* bastos e preciosos subsidios fornecem aos estudiosos averiguadores das riquêsas da nossa abundante e formosissima lingua.

Dois adoraveis e preciosos volumes numa palavra.

Lisboa, 5 de janeiro de 1910.

RODRIGO VELLOSO.

Rodrigo Beça. Livro de sonetos

Foi-me oferecido um exemplar do *Livro de sonetos* do sr. Rodrigo Beça, e logo que me veio ás mãos excelentemente me dispoz para o percorrer, não só o seu elegante formato e primorosa impressão, que em muito dispõe em seu favor o bom abito externo das cousas, mas ainda o apelido de seu autor, pois desde bem moço me custumei a considerar os Beças de Penafiel; donde êle oriundo, como uma dinastia de omens de letras, talvez fundada, se não anteriormente, por um outro Rodrigo Beça, que tão justamente celebrado se tornou, se a reminescencia me não atraíçõa, sob o pseudonimo de P.º Serapião.

Comecei, pois, a folhear o pequenino e elegante tomo na melhor disposição de espirito, bem esperançado em encontrar compensação grata e olvido profundo para tanto verso mau, e avariada poesia, como os que em enormes e incessantes catadupas, se não terriveis aludes, estão constantemente pejando o nosso mercado literario.

Em boa ora o fiz, que rapido e enleiante me correu o tempo consagrado á sua leitura, volvendo todas as suas paginas e prendendo-me pelo espirito ás muitas e incontrastaveis belezas que elas encerram, sem delas levantar não até que alcançada ultima.

O Livro de sonetos foi para mim, a quem desconhecido o *Intermezzo*, estreia literaria do snr. Rodrigo Beça, e ficará sendo, uma verdadeira revelação poetica, e sem pretender aspirar a desvendar arcanos do futuro, creio bem poder afirmar que o joven poeta virá a assimilar e constituir na literatura portugueza marco miliario mui distinto e elevado.

Sendo no geral melodiosos os versos do *Livro de sonetos*, cantantes e enlevadores do ouvido, os ideaes que traduzem bem lhes correspondem, conjugando-se em tal modo em armonico e suggestionante conjunto a fórma com a essencia.

Demonstra êle, de mais, que sobre muita leitura e extensos conhecimentos em mais do que um ramo da ciencia umana, tem o autor a inteira e perfeita comprehensão da natureza, e que a revive e interpreta em toda a sua como que multipla unidade, insuflando-lhe vida e alma quasi humanas, o que bem resalta das breves paginas das

«Vozes da terra», o portico convidativo do volumezinho.

O atrio deste inscreve-se «A duvida», e nos cinco sonetos que o constituem, esbatem-se as incertezas e apreensões da vida.

Seguem-se-lhes as «Figurinhas de Sevvres — Creanças» seis sonetos modelares ao assunto, e irresistíveis de encantamento, de graça e de carinho.

As «Figuras de bronze» que vêm depois são quatro sonetos consagrados a Kropotkine, a Tolstoi, a Ricardo Strauss e a Victor Hugo, em que a cada um dêles bem determinadas as qualidades e benemerencias que tão alto os tem erigido, modelando-se e cingindo-se cada um dêles á idiosincracia e á virtualidade do vulto que celebra.

Nas restantes paginas do formoso livrinho, subordinadas ás epigraphes = «De leve» = No passado = «Sparsa verba» = foi o sr. Rodrigo Berça percorrendo extensa gama dos ideaes e sentimentos humanos, em todas clas deixando bem demonstrados e expressos os predicados de seu talento e originalidade, ferindo a preceito e a primôr a nota a que visava, perfeita e intensamente humana, mas sempre aureolada pela poesia.

Era minha intensão o transcrever para aqui, como documento o mais incontrastavel do que sucintamente deixo escrito sobre o *Livro de Sonetos*, em toda a maneira creador de mais longa e efusiva noticia, alguma das composições que o entretecem, apesar de não dispôr de muito espaço para isso, mas desisto de o fazer, embaraçado na escolha e titubeante sobre qual delas esta caír, tão primorosas todas, muito mais que embora constituindo em seu conjunto precioso escriptorio, se orientam diversamente.

Assim limito-me a palmear quente e entusiasticamente o *Livro de Sonetos*, não só como prometedor, mas mais já, como revelador de um poeta moderno e bem merecendo este nome.

Dou meu pleno assentimento ao seu Prefacio, inteiramente coadunavel com a evolução das cousas e com os tempos em que vivemos.

O sr. Rodrigo Beça é estudante distinto da Universidade, onde continúa, assim, a tradição de sua familia, e votos bem sentidos e sinceros faço por que em breve retome seu curso, que teve de interrompêr por doença, e que com o fazer, *pari passu*, não despreze as boas letras de que tão exímio cultor se testemunha, tendo fé viva que

as virá a ilustrar como um de seus grandes luminares.

Lisboa, 21 de março, inicio de primavera de 1910.

RODRIGO VELLOSO.

Aspetos de Lisboa

Anuncios e reclamos

O anuncio e o reclamo são, e vão sendo cada vez em mais subido grau, poderosissimos elementos de latissima propaganda para a industria e para o commercio, e o meio mais á mão e mais seguro para tornar conhecidos seus productos e efeitos e promover sua rapida vendagem.

E' esta uma verdade incontestavel e incontestada que diuturnamente se vê e como que se apalpa, atentando-se não só nas colunas dos periodicos, mas ainda nos mil e variados modos que os dois aludidos meios de publicidade e seus bombasticos encomios revestem ao fim de darem bem nos olhos, os atraírem e prenderem.

Quanto aos jornaes, os anuncios e reclamos nêles publicados, foram-o primitivamente e durante longos e successivos periodos apenas no final de sua 4.^a pagina, mas daí com o correr dos tempos, e sobretudo nos derradeiros, espraçando-se têm ido por toda essa pagina, e dela galgaram para as anteriores, tomando-lhes o maior e melhor espaçonos diarios de grande circulação, embora êles contem, como já vae sucedendo entre nós, 8, 10, 12 e mais paginas, e sempre em ousadia crescente já se vão espalhando, afóra do seu maior acervo, e distribuindo por entre as correspondencias, os comunicados, o noticiario e até os proprios artigos literarios, politicos e doutrinaes, já levantando cabeça, um ou outro, na propria pagina d'onra, a primeira do n.º

Dispondo de chave de ouro, no seu sentido mais genuino, e não naquêles dos com que se fecham os sonetos, e chave moldada para entrar em todas as fechaduras, o anuncio e reclamo não encontram porta que se lhes não abra e escan-

care franca e convidativa até, e recebidos são com todas as outras e reverencias, pospondo-se-lhes tudo o mais que entra na contextura da lição de um periodico.

Não é, porém, só de baixo desta feição, e de sua crescente multiplidade que se devem encarar os anuncios na imprensa diaria, pois que uma outra tambem vão revestindo elles ao fim e no sentido de se salientarem entre seus companheiros chamando sobre si a atenção. É' ella a da escolha de tipo mais graúdo e visivel com que se arriem e melhor se destaquem, e algumas vezes a de açambarcamento por sua conta e para si sós de uma columna, ou mais e até de uma pagina inteira, preenchida com poucos mas grossos dizeres, não raro illustrados com flamejantes desenhos alusivos ao produto ou objeto apregoadado.

Como se não foram bastantes a chamar a atenção sobre estes as fórmulas expostas, vae-se já recorrendo em seu abono e como irresistivel chamariz, á rima, em versos mais ou menos limados, mas pela maior parte das vezes de pé quebrado, e com mais ou menos graça que para o caso é o principal.

Da poesia desce tambem o anuncio á prosa, intencionada no mesmo sentido em que acabo de referir-me ao verso, de chamar a atenção do leitor pela epigrafe com que se inscreve o *suelto*, que é sempre escolhida num dos mais interessantes dos casos debatidos no mundo politico ou social, ou em successo que acabe de dar brado.

Começa-se a leitura do anuncio que assim se apresenta, sob uns tentadores disfarces, contando-se com encontrar em seu seguimento artigo que esclareça o ponto a que elle se afigura mirar, mas após dez ou doze linhas, fantasiados dizeres adstritamente pautados nêlo ou a elle sugestos, descamba-se em recommendação, muitas vezes bem sergida, ás «conservas de Espinho» ou ao «café da Brasileira».

Estas duas especies de anuncios, demandam da parte de quem os pratica e utiliza mais invenção e cuidados do que o anuncio simples e descarnado, embora muitas vezes e quasi sempre superlativamente iperbolico, e por isso é cometido a pessoas que melhor nas condições sejam de os engendrar do que os industriaes ou comerciantes por conta dos quaes lançados a correr mundo, e se

por enquanto têm area e orisontes limitados é bem para crêr, pela acção que vão tendo e bons resultados que têm produzido, que se vão estendendo e alargando sucessivamente, obedecendo á lei irrefragavel da concorrência e emulação por esta motivada, vindo e chegando de exceção a tornar-se em regra geral. Sendo que suceda assim é para crêr que na literatura — perdão para eresia se a há em chamar esta a capitulo! — como já em outro «Aspecto» o registo quanto aos cartazes, se abra uma secção especial a que se consagrem e inteiramente votem os que a tomem a si. Se tal acontecer não lhes será, a elles, o encargo cadeira de conego sem obrigação de ensino, mas tarefa bem trabalhosa e que necessitará ser bem cuidada, demandando em quem a exerça abundante e creadora imaginação, veia poetica ou suggestionadora de interesse e atracção, e não pouca dicacidade, a fim de que seguudo o conhecido anexim *variata delectat* — «a variedade encanta» — os frutos de seu engenho produzam, atraíndo as vistas, atenções e simpatia do publico e prendendo-as ao objeto que se pretende preconisar e tornar desejado, alcancem o apetecido exito.

Ha ainda uma outra especie de anuncios e reclamos que já não é nova, mas que muito restrita, especialmente em Portugal, parece tender desde os ultimos tempos a vulgarisar-se em mais dilatado campo. É' ella o de serem uns e outros illustrados por modo exalçador e suggestivo do que se quer divulgar e tornar vendavel em grande escala, enlaçando com essa intenção, o principal motivo do facto, o engraçado e cativante dos desenhos accessorios do principal, de modo a dispôr bem e favoravelmente os olhos e a vontade do leitor para se deixarem prender no aboiz armado.

Aos modos expostos de tornar enleiantes os anuncios e reclamos vêm finalmente reunir-se, requintando sobre elles um outro desde muito usado lá fóra e especialmente nos Estados Unidos do Norte da America, onde, como em parte alguma, se utiliza tudo o que possa aguçar a curiosidade do publico e prendel-a, para tal conseguir, não havendo sequer escapado as respeitaveis e rutilantes calvas a servirem de assento, para uns e outros d'aqueles, nas plateias dos teatros, e ella é o de se faserem passeiar os anuncios

e os reclamos pelas ruas da cidade por fórma a que chamem os olhos e acirrem os apetites, apresentando-os quer de modo e fórmas espalhafatosas e a que ninguém possa ficar estranho, e desapercebido, quer sob aspecto que represente ou de perto lembre o facto ou objeto que se quer tornar conhecido e desejado.

Mais no mesmo n.º leio a proposito de artigo publicado no *Heraldo* de Madrid sobre as ultimas eleições realisadas no nosso paiz para deputados, artigo que se me afigura, no geral, muito sensato em suas conclusões, com base bem assente na êterogenidade dos elementos que constituirão a nova camara, «Isto não é uma chinezisse; mas ha-as melhores no *sinico* artigo».

Não pude bem descobrir em que sentido e o que significando este *sinico*... pois que a traduzir a ideia que vulgarmente se comprehende na palavra *cinico*, me não parece aquêlê empregado, por não denunciar o artigo do *Heraldo* em parte alguma o que se denomina cinismo e mesmo porque segundo a ortografia da *Epoca*, *cinico* se deve escrever *sinico*, egual motivo haveria para em vez de *cinico*, como nêsse numero da *Epoca* se lê, *sinico*. Para se tomar o *sinico* como substantivo de sino, não vejo bem a correlação que haja entre este e suas funções e o artigo do *Heraldo*, a menos... mas não, que badalar todos os jornaes badalam, mais ou menos conforme suas posses, e a *Epoca* bem faz pelo conseguir á grande...

Para entender o «sinico» no sentido de chinês, com base no *Sina* latino, não o encontro ainda consagrado, nem o julgo preciso, na nossa lingua.

1910

RODRIGO VELOSO.

Os deveres da fidalguia na actualidade

Bem se comprehende qual deva ser o viver de um nobre, segundo as tradições honrosas de seu nome e segundo o espirito de nossa epoca. Vejo com pesar o proceder da maior parte dos jovens da antiga e da nova nobreza; o tempo repartem-o entre a ociosidade dos salões, a

frivolidade de seu vestuario, visitas sem fim determinado, a assiduidade aos lugares publicos do prazer; excetuados os que cingem a espada e os que cultivam as belas-artes e ciencias, qual é o serviço que êles prestam á patria, ás suas familias, que continuação dão êles ás tradições onrosas que erdaram?

Seus antepassados, por um privilegio, que era para êles um dever, ocupavam um posto no Estado, desempenhavam funções.

O que o nascimento tão só auferia então, a lei franqueia-o hoje a todos. A aristocracia entre nós não é tão só e exclusivamente a nobreza do sangue; é o talento, o saber, o nascimento, a riqueza, a influencia politica, as elevadas posições; torna-se necessario contar com todas estas forças que concorrem na sociedade nova. Os que se julgam quites para com o seu nome tão sómente para o usarem, para com seus teres porque os despendem, esses não comprehendem nem o seu papel, nem o verdadeiro poder da aristocracia. Mais do que nunca é necessario que o valor pessoal legitime o do titulo; o presente não tem em conta alguma o passado quando este apenas lhe legou um braço.

Ha aberto á nobreza um grande e belo lugar, mas torna-se preciso que ela o saiba ocupar; póde caminhar na vanguarda das novas gerações mas sob as seguintes condições: não ceder a ninguém em luzes, em dignidade, em moralidade; entrar ao movimento da civilização actual, em vez de se isolar dêle, trabalhar sem cessar para aumentar o patrimonio da onra, da gloria, da grandeza que seus antepassados lhe transmitiram, distinguir-se pela palavra, pela penna, por sua cooperação ás coisas uteis; mostrar-se simpatica a todos os sentimentos nacionaes, aberta a todos os pensamentos verdadeiramente liberaes, benefica para todas as miserias, pronta para todas as lutas patrioticas. Recolherá numa intelligente actividade maior força do que a que lhe têm dado os privilegios; seu poder será aceito por que terá sido legitimado; será onrada, porque não emanará do acaso do nascimento, mas porque terá sido conquistada no conflito de todas as emulações da egualdade. A sua impotencia ou sua inferioridade seriam sem desculpa porque entrando á carreira tem como auxiliares a vanta-

gem das tradições, da fortuna, das relações; encontra-se de antemão iniciada, quando tantos outros necessitam esforço e anos para atingirem o ponto de partida. A nobreza moça tem a escolha entre dois procederes; pôde deslizar ociosa em seus salões e em suas casas de campo, vegetar sobre suas recordações, abandonar toda a influencia politica; e pôde tambem entrar deliberadamente nas novas vias, reclamar sua parte de direitos e ação, aspirar á diplomacia, aos conselhos eletivos das duas camaras, melhorar seus dominios pela agricultura, aumentar sua riqueza por meio da industria, fazer-se amar por seus serviços. Sua escolha dará testemunho do quanto conserva de seiva e vitalidade; mas que se não esqueça de que o que ela não poder fazer, outros o farão. E' convidada á partilha; oferece-se-lhe a sua parte e ela recusa-a...

(Do livro *Pensées des divers ages de la vie* de Alphonse Grün).

PICCOLEZZE

Modestas notas sobre linguagem. Bizarria, Bizarro

Em bom e lidimo português estas duas palavras sempre significaram e exprimiram ou a boa disposição, garbo e elegancia do corpo ou o brio, primor, bravura do espirito, e ainda arrogancia, e jactancia, e pelos bons escritores e mestres da lingua só nêsse sentido eram elas empregadas.

Infelizmente, porém, succede que em francez ha tambem os termos *bizarerie*—*bizarre*, traduzindo o sentido de pessoa ou coisa exquisita, extravagante, e tanto bastou para que áquelas duas palavras portuguêsas fosse e seja dado continúa e constantemente, na linguagem ordinaria, esse sentido dos dous termos francêses, obliterando-se quasi totalmente a significação genuina que êles tem no português.

Para lamentar é que assim tenha succedido, e que não se depare meio de

meter embargos vencedores ao lamentavel caso, que assim lança ao ostracismo o uso de termo tão expressivo e tão formoso, no seu significar português, para êste substituir uma para a nossa lingua exdruçula e «extravagante» aceção francêsa!...

RODRIGO VELLOSO.

Expediente

A *Aurora do Cávado*, publicar-se-ha quinzenalmente de 8 a 15 e de 22 a 30, de cada mez, em numeros de 8 paginas.

Preço das assinaturas

Espanha e Portugal

Por anno ou 24 n. ^{os}	600 réis
Semestre ou 12 n. ^{os}	300 »
Numero avulso.....	30 »

Brazil

Por anno—moeda forte 1\$000 réis

Publicando-se, ao mesmo tempo e sob a mesma direcção e administração *O Boletim Notarial e Forense* quinzenario, o preço de cuja assignatura é

Espanha e Portugal

Por anno ou 24 n. ^{os}	1\$200 réis
Semestre ou 12 n. ^{os}	600 »

Brazil

Por anno—moeda forte. 2\$000 réis
Semestre » » 1\$000 »

Quem assinar os dous periodicos simultaneamente, o poderá fazer com a seguinte vantagem

Espanha e Portugal

Por anno.....	1\$500 réis
Semestre.....	800 »

Brazil

Por anno—moeda forte 2\$600 réis

Dar-se-ha noticia de todas as obras que derem entrada nesta redacção.